

Castelos de Helena nas histórias em redes: o livro *Minha Vida de Menina* em roteiro histórico turístico

DOI: 10.12957/irei.2024.83431

Vitória Azevedo da Fonseca¹
Andreza da Conceição Souza²

Resumo

Este artigo aborda o processo de desenvolvimento do roteiro histórico turístico intitulado “Castelos de Helena”, cujo enfoque recai sobre a jovem Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, autora do livro *Minha Vida de Menina*, escrita entre os anos de 1893 a 1895, lançada em forma de livro em 1942. O roteiro integra o projeto *Histórias em Redes*, que propõe a criação de uma rede de narrativas percorráveis no espaço urbano de Diamantina (MG), buscando disponibilizar ao transeunte uma gama variada de possibilidades de conhecer as histórias sobre aquele território, uma interligação de narrativas espalhadas pelo espaço urbano, que, ao mesmo tempo que cada uma mantém a sua necessária individualidade, juntas, compõem uma imagem complexa do espaço no qual se vive, uma rede de narrativas variadas, cujas informações, fontes históricas, referências, etc., podem ser acessíveis por dispositivos móveis. Neste texto abordaremos um desses roteiros.

Palavras-chave

roteiro turístico; Diamantina; Helena Morley.

“Castelos de Helena” in the *histórias em redes* project: the book “*Minha Vida de Menina*” as a historic tourist itinerary

Abstract

This article addresses the development process of the historical tourist itinerary called “Castelos de Helena”, which focuses on young Helena Morley, a pseudonym for Alice Dayrell Caldeira Brant, author of the book “*Minha Vida de Menina*”, written between the years of 1893 and 1895, released in the form of a book in 1942. The itinerary is part of the *Histórias em Redes* project, which proposes the creation of a network of crossable narratives in the urban space of Diamantina (MG), seeking to provide passersby with a wide range of possibilities to learn about the stories regarding that territory, an interconnection of narratives spread throughout the urban space, which, while each one maintains their necessary individuality, together they compose a complex image of the urban space, a network of varied narratives, whose information, historical

¹ Doutora, UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri). E-mail: vitoria.fonseca@ufvjm.edu.br.

² Mestre. SEE/MG (Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais). E-mail: deza-004@hotmail.com.

sources, references, etc., can be accessible through mobile devices. This text focused in one of these itineraries.

Keywords

tourist route; Diamantina; Helena Morley.

Reflexões historiográficas de diversos autores em torno de construção de memórias, histórias e narrativas discorrem de forma bastante contundente a respeito da relação entre os binômios lembrar/esquecer e narrar/apagar. A lembrança envolve, em vários aspectos, o esquecimento necessário e/ou intencional, e o narrar, da mesma forma, envolve o apagamento, também necessário e, por vezes, intencional, para que um enredo possa ser compreendido. Quem constrói uma narrativa a constrói a partir de um lugar, delimita um tempo, uma especialidade, uma pergunta. Narrar o passado é, ao mesmo tempo, a morte e a luta contra a morte, a morte de uns e a vida de outros. O apagamento e o esquecimento de um lado de tudo aquilo que porventura não pode ser incluído na *operação historiográfica* (Michel de Certeau, 1982) e a seleção e a visibilidade da pequeníssima parcela do que cabe em uma narrativa.

Os debates em torno dessa questão, sejam nos aspectos da construção de memórias ou da construção de histórias e narrativas historiográficas, são amplos e não são foco do presente texto. No entanto, torna-se relevante ressaltar que narrativas ou enredos são limitados, e, como tais, jamais conseguirão dar conta da complexidade do passado e da própria ação historiográfica enquanto prática do presente.

Lembremos da famosa palestra “O perigo da história única”, de Chimamanda Adichie, uma escritora nigeriana que explanou, de forma muito clara, os motivos pelos quais as variadas e diversas narrativas são imprescindíveis na circulação pelo espaço público, acessíveis a uma grande parcela da população, e o quanto é fundamental que histórias sejam contadas, que muitas histórias sejam contadas, sob risco da criação e reafirmação de estereótipos tão mortais para grupos sociais diversos.

Em outro aspecto, retomamos uma frase emblemática do filme “Narradores de Javé” (Caffé, 2004): “coloca as duas histórias”, dita por uma personagem que gostaria de ver histórias divergentes narradas no mesmo espaço narrativo, o que desencadeia a discussão sobre a impossibilidade de versões diferentes estarem juntas, apontando para uma problemática interessante.

Esses dois exemplos introduzem uma questão para a qual gostaríamos de chamar a atenção: em primeiro lugar, a necessidade urgente da diversidade de histórias em luta contra a “história única” e, por outro lado, a limitação própria, e necessária, de cada narrativa, a fim de tornar-se compreensível ao(à) leitor(a). Neste sentido, a proposta da construção de uma rede de histórias, ou, uma nuvem de histórias, através do projeto Histórias em Redes, que propõe uma interligação de narrativas por meio de roteiros históricos turísticos, espalhadas pelo espaço urbano, que, ao mesmo tempo que cada

uma mantém a sua necessária individualidade, juntas, podem compor uma imagem complexa do espaço no qual se vive, numa rede de narrativas variadas. Supõe-se, com isso, que as diversas e variadas versões, olhares, abordagens e personagens possam estar, ao mesmo tempo, presentes e acessíveis no espaço urbano a partir de narrativas temáticas e coerentes.

Cada narrativa, cuja principal qualidade é tornar-se compreensível, e, portanto, assimilável, compõe, com outras narrativas, por vezes contraditórias, diversas, presentes no mesmo contexto informacional, uma rede de histórias complexas, a partir dos roteiros históricos turísticos e temáticos. Assim, propor esses roteiros, percorríveis pelas ruas da cidade de Diamantina, com estruturas narrativas, cujas informações, fontes históricas, referências, etc., possam ser acessíveis por dispositivos móveis, e, ao mesmo tempo, termos roteiros históricos turísticos variados, que se cruzam, formando uma rede, faz, supostamente, ampliar a construção narrativa e complexificar as possibilidades de compreensão do passado sem o enclausuramento da história única.

Neste texto abordaremos um dos roteiros³ criados no âmbito do projeto Histórias em Redes, intitulado “Castelos de Helena”, baseado no livro “Minha Vida de Menina”, um emblemático diário da menina Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, que narra seu cotidiano nos anos de 1893 a 1895 na cidade mineira de Diamantina. O roteiro turístico, composto por 12 pontos, distribuídos por um trajeto que perpassa por pontos significativos do Centro Histórico de Diamantina, também ultrapassa seus limites, a fim de incluir nesta narrativa espaços alijados do discurso turístico.

Esse roteiro busca levar para o espaço público das ruas da cidade elementos da narrativa apresentada no livro, além de configurar-se como uma possível mediadora de conhecimentos sobre o passado da cidade trazendo à visibilidade, através dos pontos selecionados, os caminhos percorridos pela menina Helena Morley e as problemáticas daquele espaço urbano.

As datas que marcam as entradas no diário correspondem às idades de 13 a 15 anos da autora. No entanto, o texto foi publicado como livro anos mais tarde, em 1942, quando Alice Brant (nome adotado após o casamento) já contava com mais de sessenta anos. Muitas personagens são nomeadas por pseudônimos – para evitar desconfortos das pessoas citadas, uma vez que no ano de publicação, conforme indica a autora, muitas delas estavam vivas.

Para Hoff (2016), o pioneirismo da obra pode ter sido uma das causas de tantas dúvidas e hipóteses levantadas em torno da originalidade de sua escrita que fora questionada sobre o tempo de sua escrita.

³ Elaborado como produto final para obtenção do título de Mestre de Andreza Conceição Souza, orientada por Prof. Dr^a Vitória Azevedo da Fonseca, no Mestrado Interdisciplinar Profissional em Ciências Humanas (MIPCH), da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). O roteiro tem suas placas sinalizadores planejadas em formato digital, que podem ser conferidas no seguinte site <https://historiasemredes.com/castelos-de-helena/>

Um exemplo da problemática que surge no que tange à categoria do autor e, em menor ou maior grau, do narrador, é a incerteza acerca da elaboração original dos registros e a publicação da obra nos anos de 1940, aos sessenta e dois anos de Alice Brant. Tal problemática é de certa forma esperada, uma vez que o livro se trata da publicação de um diário de uma menina/adolescente, cujo interesse maior se explica tanto por certo ineditismo da obra no cenário literário da época quanto pelas suas qualidades narrativas e formais, colocando-se no meio do caminho do documento e da ficção. (HOFF, 2016, p. 309).

Assim, compreendemos que Helena Morley é uma personagem construída no diário e para o diário de Alice Brant, cuja existência se circunscreve à própria obra. Desta forma, a partir das suas expressões, opiniões, gostos, aversões, podemos traçar as características dessa personagem inserida no contexto no qual viveu e com a qual, obviamente, guarda traços de similaridades, numa espécie de jogo de espelhos. Através do seu diário, é possível construir um perfil: uma menina que gosta de se representar como de “gênio forte”, que se aventurava pela chácara da avó, ou na Rua Jogo da Bola, e que tinha muitos sonhos e planos. Os castelos, como ela chama os sonhos secretos que compartilha no diário, eram quase sempre os de uma conquista de independência financeira para que pudesse ajudar os seus pais, principalmente o pai, que sofria com a mineração de diamantes sem sucesso.

No período citado no diário, a mineração da famosa “Demarcação Diamantina”, tão próspera em décadas anteriores, havia sofrido um golpe significativo que levou à decadência da prosperidade tão alardeada anteriormente por moradores e viajantes sobre o local. Esse golpe atingiu a família da garota, que, como a maior parte da população de Diamantina, tinha como principal atividade econômica, direta ou indiretamente, o “garimpo” ou mineração de diamantes.

Apesar de aspectos biográficos e autobiográficos, o diário de Helena Morley é circunscrito em um curto período de tempo de sua adolescência. Lejeune (2008) classifica o diário como sendo um gênero vizinho da autobiografia, por não preencher todas as categorias que classificam uma biografia. Segundo esse autor, o diário íntimo é caracterizado por trazer de forma manuscrita a individualidade de quem o escreve, apresentando uma escrita diária e datada, com fatos que compõem a memória do autor e suas subjetividades que, por vez, podem aparecer como desabaços, lamentos, confissões ou reflexões sobre acontecimentos cotidianos ou que já tenham ocorrido sobre o autor ou sobre pessoas que compõem a sua vida.

O livro *Minha Vida de Menina*, desta forma, se encaixa numa interface entre um diário e uma autobiografia. De qualquer maneira, apesar de essa obra literária, em forma de diário, aparecer aqui como fonte histórica e narrativa sobre o passado, um passado social e particular, ele também é tomado neste trabalho como obra de base para uma adaptação ou transposição para uma outra forma narrativa. Neste caso, a outra forma narrativa é a construção de um roteiro turístico. Assim, uma nova narrativa é proposta, com outra estrutura e que não pode ser desvinculada do fato de ser uma narrativa percorível fisicamente.

Como o diário não possui uma estrutura dramática clara e uma narrativa estruturada, são como momentos episódicos, entradas diárias que, na maior parte das vezes não se relacionam. Os capítulos contam, em formato de crônicas, as experiências vivenciadas pela autora, amigos e familiares. O diário é composto por aproximadamente 270 entradas, sendo o terceiro capítulo com maior quantidade de anotações. As entradas do diário são feitas em ordem cronológica. Suas anotações começam com o dia da semana e o dia do mês, seguidos dos acontecimentos cotidianos ou um caso já ocorrido. Embora seja um diário escrito em ordem cronológica, não existe uma sequência diária, havendo, assim, espaçamentos entre os dias das anotações.

Para construir um roteiro, a partir desse diário, adotamos uma estrutura básica inspirada na obra de Christopher Vogler (2006), que propõe a utilização de um “guia prático” na elaboração de narrativas. Evidentemente é apenas uma inspiração, pois não se trata da construção de um roteiro cinematográfico, não propomos a criação de personagens nem de conflitos. A metodologia foi adotar uma estrutura básica, e, a partir dela, encaixar personagens, fatos, situações narradas no diário, sem seguir a ordem cronológica apresentada.

Segundo Moreira-Gonçalves e Ribeiro (2015), apesar da importância dos termos “rota” e “roteiro” no contexto turístico, há divergências entre os pesquisadores no que tange às suas definições e diferenças. Estes trazem, no entanto, uma definição de rota que seria “estritamente contextualizada na história, salientando ainda que o turista deve percorrer um caminho já percorrido por outro personagem histórico”. (Gonçalves; Ribeiro, 2015, p.9). Desta forma, apesar de propormos caminhos por pontos percorridos pela personagem, optamos por utilizar o termo “roteiro”, pois se trata de uma trajetória a ser percorrida criada especificamente para esse fim, inexistente na obra de base.

Vogler, em *A Jornada do Escritor* (2006), adaptou e condensou as etapas do percurso de herói proposta por Joseph Campbell resultando em doze etapas: o mundo comum; o chamado à aventura; recusa do chamado; encontro com o mentor; a travessia do primeiro limiar; provas, aliados e inimigos; aproximação da caverna secreta; a provação; a recompensa; o caminho de volta; a ressurreição; e o retorno com o elixir. A partir dessa referência, foi sendo construída a estrutura do roteiro *Castelos de Helena*, que possui 12 pontos, que correspondem, sempre que possível, à proposta dos 12 pontos citados.

Cada um dos 12 pontos de parada possui um protótipo de placa sinalizadora na qual estão organizadas diversas informações e *hiperlinks* para acessos externos via *QRcodes*. O protótipo de placa sinalizadora traz alguns elementos básicos reproduzidos em todas elas, quais sejam: o título do ponto, uma imagem atual (produzidas, no geral, para esse fim), dois trechos explicativos, um acima e um abaixo de uma foto mais antiga do mesmo local, um ou mais trechos do diário, reproduzidos na esquerda da placa, um mapa parcial da rota, indicando para onde o caminhante deve seguir, informações técnicas do roteiro e, em todos os elementos, *QR codes* que levam para áudio do trecho, *links* para as fotos antigas em seus locais de publicação, *links* para informações ou

pesquisas sobre aquele local e, quando possível, algumas curiosidades que possam interessar ao caminhante.

O roteiro proposto começa no prédio onde funcionou a escola na qual Helena estudou, no mesmo local no qual também funcionou a antiga Intendência de Diamantes, prédio este construído entre 1733 e 1735, que representava a sede do controle da extração diamantífera da Demarcação Diamantina (mas essa é uma outra história). O texto apresentado neste primeiro ponto, intitulado “Querido Diário”, introduz a personagem e a obra de base:

Neste passeio pelos espaços do mundo de Helena, você poderá conhecer suas peripécias, alegrias e desafios da vida de um outro tempo. Como era a vida desta menina na Diamantina de fins do século XIX? Quais eram seus desafios, suas alegrias? Sua jornada começa na Escola Normal. Venha percorrer este caminho conosco (Ponto 1).

Os trechos citados do diário convidam o leitor/caminhante a entrar no universo tão particular da menina:

Faz hoje três dias que eu entrei para a Escola Normal. Comprei meus livros e vou começar vida nova. O professor de Português aconselhou todas as meninas a irem se acostumando a escrever, todo dia, uma carta ou qualquer coisa que lhes acontecer. (Morley, 2006, p.25)

Amanhã vão começar as aulas da Escola Normal. Tenho certeza que vou empacar no segundo ano como aconteceu no primeiro. (Morley, 2006, p.217).

Dezoito de Fevereiro de 1893 é quando Helena nos conta que entrou para a Escola Normal, animada por começar uma nova vida acadêmica. Os trechos que relatam sua passagem pela escola mostram um pouco mais sobre os conflitos escolares vivenciados pela menina, sendo possível construir a imagem de uma jovem inteligente, que gosta de escrever em seu diário e ler histórias, que, no entanto, não tem bom desempenho escolar. As suas amizades, que preenchem longos trechos dos seus relatos, são em sua maioria vindas de sua vida social escolar.

No material produzido (Figura 1) é possível acessar, via QRcodes, informações sobre a Intendência dos Diamantes, ouvir o trecho do diário, acessar o site do projeto Histórias em Redes bem como o trailer do filme Vida de Menina (Solberg, 2004).

[illegible]

DOI: 10.12957/irej.2024.83431

Encaminhado para o ponto 2 “Entre dois mundos”, o roteiro apresenta alguns problemas enfrentados pela protagonista como uma forma de reforço ao convite para continuar o trajeto:

Helena Morley, personagem de "Minha Vida de Menina", viveu em uma pequena casa na descida da Rua da Cavallhada que ligava o alto da cidade, espaço da elite, e o Bairro do Rio Grande na parte baixa da cidade. Helena descreve diversas situações difíceis enfrentadas por sua família, cujo pai vivia de garimpagem. Apesar disso, nos narra Helena, ela contou sempre com o apoio de sua avó, uma mulher de posses, que, no entanto, faleceu quando Helena ainda era uma menina, o que lhe causou grande impacto. Como enfrentou os desafios, principalmente os materiais? A Praça Barão de Guaicuí, ao lado, onde está situado o Mercado Velho, foi um caminho constante na vida da menina, de sua casa em direção à Escola Normal. Ao fundo da foto, vemos o Cruzeiro. Quer conhecer mais sobre a vida de Helena Morley? Vem com a gente! (Souza, 2021)

O local, chamado na atualidade de Mercado Velho, foi construído em 1835 (mas esta é uma outra história) e corresponde à Cavallhada Nova, um espaço presente na vida da menina, conforme citado. Neste ponto, que corresponde ao “chamado à aventura” no modelo proposto por Vogler, apresentamos um dos conflitos relatados no diário, que remete às questões financeiras enfrentadas por sua família e a vivência entre dois mundos, o da elite, sua família por parte de mãe, e a situação menos abundante de sua família nuclear. Desta forma, é a primeira revelação sobre a personagem e seu mundo.

Por que minhas colegas se incomodam tanto com minha vida? Não sei por que, pois se nunca me deram nada, e não me dariam se precisasse. Que vontade eu tenho de lhes responder: “Não se intrometam comigo; tratem de vocês”. (Morley, 2006, p.179)

Nos trechos reproduzidos no material (Figura 1), Helena dá pistas de um certo desconforto que vivia, seja em função de uma indicação de escassez material, seja em função de seu incômodo com as colegas. Esse trecho também funciona para apresentação de conflitos em busca de engajamento do caminhante para conhecer melhor essa história. Nesse local (ponto 2), o caminhante tem a visão da parte baixa da cidade, que corresponde ao núcleo inicial do povoamento do Arraial do Te(i)juco (Diamantina), onde foram encontrados ouro e diamantes.

De acordo com Sylvio de Vasconcellos, (*apud* Gonçalves, 2010) o surgimento dos agrupamentos em volta da mineração, motivação inicial para a ocupação, partiria de três arraiais, sendo um deles “o arraial do Rio Grande ou Tijuco, a nordeste, na saída para Minas Novas”, todos seguindo o curso do rio. Assim o Tejuco, como era chamada Diamantina, foi tomando forma, sem um planejamento prévio e seguindo o território constituído pelos territórios de mineração, apresentando “construções na encosta de morros”. O povoado que surgia e crescia expressivamente ao longo dos rios minerados

ia consolidando e formando a arquitetura da futura cidade (mas essa é uma outra história).

Assim, ao descer da antiga escola Normal para o atual Mercado Velho, o roteiro aponta para esta parte “de baixo” da cidade, composta por bairros considerados “periféricos”, no qual habitam populações de “baixa renda” e que, no entanto, formam um dos núcleos iniciais do povoamento. Os Qrcodes (Figura 1) apontam para uma pesquisa sobre a restauração do prédio do Mercado Velho, um programa do “Canal USP” com o professor Jean Pierre Chauvin (ECA), que apresenta o livro *Minha Vida de Menina*, e para uma das fotografias inseridas no material.

O próximo ponto, intitulado “Ponto 3 - A Igreja do Amparo e o Além”, que funciona como um ponto de passagem, foi escolhido para apresentar uma outra faceta da narrativa de Helena, e que é marcante no espaço urbano de Diamantina: as igrejas. O trecho citado pode funcionar como mais um item de curiosidade que incentive o caminhante a continuar. “Na sacristia da Igreja do Amparo as paredes estão cheias de milagres: cabeças, braços e pernas, e até meninos inteiros de cera, tão bem feitos e cheios de feridas que parecem de verdade.” (Morley, 2006, p.54).

Seguindo o percurso, chega-se ao “Ponto 4 - A Cavallhada Velha e a vida no meio”, onde hoje está situada a Praça Dr. Prado, local este que remete aos problemas financeiros vivenciados pelo pai de Helena. Nas décadas de 1870 e 1890, após a descoberta das minas de diamantes no Cabo, na África do Sul, houve uma queda nos preços internacionais do diamante, gerando grandes impactos na economia diamantinense e alterações negativas nos negócios dos maiores mineradores, levando muitos à falência, como descrito por Marcos Lobato Martins (2008) – mas esta é uma outra história.

Esse autor também mostra outra faceta dessa crise em função de uma legislação que alterava a dinâmica da extração de diamantes. A “Constituição de 1824 preconizava o regime dominial, pelo qual os minérios pertenciam ao Estado e o controle da mineração cabia às Províncias” (Martins, 2008, p. 617). Assim, cabia aos mineradores encontrar soluções para contornar os desdobramentos da crise diamantífera. Somente em 1890 a mineração começou a erguer-se, de maneira lenta, impulsionada por capitais estrangeiros oriundos de companhias que apresentavam aos mineradores processos e técnicas modernas para a mineração. Alguns modernizaram seus negócios, investindo em comércios e indústrias, em negociações com as companhias, enquanto a grande maioria dos grandes mineradores mantinha a forma tradicional focada na extração, compra e venda dos diamantes (Martins, 2008).

Embora essa crise trouxesse tais conflitos econômicos, a resposta para o problema levou a cidade a entrar em um processo de industrialização que fortaleceu o comércio na cidade. As mudanças possibilitaram a construção de novas formas de renda que permitiram à cidade uma mudança em sua estrutura. Sobre tais mudanças, Magnani aponta:

Todo este contexto de transformação e de transição para novos padrões de vida econômica possibilitou, a partir da década de 1870, uma reordenação dos espaços

urbanos. Houve um redimensionamento da cidade como um todo, onde se destacaram alguns investimentos como a construção da primeira usina hidrelétrica no Brasil pela Diamond Mining Company of Boa Vista; a instalação da repartição dos correios; a instalação de um batalhão de polícia; a fundação de três fábricas de tecidos, além de uma dinâmica e expressiva imprensa local. (Magnani, 2004, p. 34).

A crise diamantífera permitiu à cidade uma modernização econômica e estrutural, com construções que alteravam os aspectos visuais e econômicos da cidade de Diamantina (mas esta é uma outra história). É nesse mundo que transitava entre a crise dos diamantes e a modernização da cidade que viveu Helena Morley.

Seu pai, Alexandre, pseudônimo de Felisberto Moirell Dayrell, foi um minerador descendente de ingleses que passava grande parte do seu tempo no espaço rural onde ficavam as lavras. Os problemas financeiros enfrentados são narrados pela menina e somente ao final do diário que ela informa uma melhoria na vida familiar, quando seu pai entrou para uma companhia estrangeira de mineração:

O dinheiro que vovó deixou para mamãe foi pouco e meu pai pagou todas as dívidas e continuou na mineração. Mas logo as coisas mudaram e nossa vida tem melhorado tanto, que eu só posso atribuir à proteção da alma de vovó. Meu pai entrou para a Companhia Boa Vista e tudo dos estrangeiros é só com ele, porque é o único que fala inglês e conhece bem as lavras. Agora não vamos sofrer mais faltas, graças a Deus. (Morley, 2006, p. 324).

No ponto 4 são apresentados os problemas relatados pela menina, que estão envolvidos com a questão financeira da família. Ao seguir o trajeto, o enfoque será, por outro lado, a apresentação da avó de Helena, que, segundo a garota, era uma grande incentivadora. O ponto cinco, intitulado “Igreja do Rosário e a casa da avó”, está localizado na Igreja do Rosário, umas das mais antigas da cidade (construção iniciada em 1771 – mas esta é uma outra história) e ao lado do Teatro Municipal Santa Isabel (1841), no qual é apresentada a sua “mentora”, sua grande apoiadora. Sua avó, Dona Teodora (pseudônimo de Teresa Jesuína Fernandes), é descrita como a pessoa que mais admirava Helena e também quem supostamente melhor a compreendia em todas as suas inquietações, procurando sempre acalmá-la, segundo descreve, o que a fazia se sentir especial.

Era sua avó quem lhe dava os melhores vestidos e satisfazia suas vontades, muitas vezes por ter pena de ver suas primas em melhores condições financeiras, enquanto Helena levava uma vida mais simples, em função da fracassada mineração na qual o pai insistia. Todo esse carinho fazia com que os outros primos acreditassem que era Helena a neta predileta, conforme a visão relatada da mesma.

Segundo Helena, sua avó era uma senhora bondosa que ajudava os pobres e “doidos” da cidade, além dos ex-escravizados, os quais ela decidiu por deixar permanecer em sua casa por não conseguirem outra forma de subsistência, ou que não tinham como sair da chácara após a abolição.

Na Chácara moram ainda muitos negros e negras do tempo do cativo, que foram escravos e não quiseram sair com a Lei de 13 de Maio. Vovó sustenta todos. Só Tomé é que vovó mandou embora porque diz que é feiticeiro e estava aprontando. [...] As negras, as que não bebem, são muito boas, e para terem seus cobres fazem pastéis de angu, sonhos e carajés para as festas de igreja e para a porta do teatro. Vovó compra delas muitas dessas coisas e nós comemos a noite inteira. (Morley, 2016, p.50).

Este é um trecho interessante que abre a possibilidade de tratar de diversas questões relacionadas às dinâmicas sociais e econômicas de Diamantina (mas esta é uma outra história). O seguinte trecho do diário foi escolhido para ser reproduzido no material:

Eu gosto muito de todas as festas de Diamantina; mas quando são da Igreja do Rosário, que é quase pegada à Chácara de vovó, eu gosto ainda mais. Até parece que a festa é nossa. E este ano foi mesmo. Foi sorteada para rainha do Rosário uma ex-escrava de vovó chamada Júlia! Ela vinha há muito tempo juntando dinheiro para comprar um rancho. Gastou tudo na festa e ainda ficou devendo. Agora é que eu vi como fica caro para os pobres dos negros serem reis por um dia. Júlia com o vestido e a coroa já gastou muito. Além disso teve de dar um jantar para a corte toda. (...)Eu acho graça é do entusiasmo dos pretos neste reinado tão curto. Nenhum rejeita o cargo, mesmo sabendo a despesa que dá! (Morley, 2006, p.55).

Além de esse ponto, na narrativa, ser reservado para a apresentação dos aliados da protagonista, as características da proposta do trajeto abrem possibilidades do caminhar ser direcionado para outras problemáticas relacionadas aos espaços percorridos. Neste caso, considerando que a Igreja do Rosário pertence à Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, a dimensão das experiências de ex-escravizados é trazida à tona de maneira tangente, tal como a questão das vendas de quitutes e a participação nas festas (mas estas são outras histórias). O QRcode disponível remete ao filme *Diamantina* (Brasil - 1958)⁴.

O ponto seguinte, intitulado “Ponto 6 - Os conflitos da Rua Direita”, localizado numa rua importante do centro histórico diamantinense, ocupada pela elite local por várias décadas, na qual, para chegar, através desse percurso, o caminhar passa pelo emblemático Beco do Mota, protagonista de uma música de Milton Nascimento, foi um local de boemia, prostituição e negócios (mas esta é uma outra história).

Nesse ponto seis conhecemos também os conflitos familiares vividos por Helena, principalmente relacionados às suas primas e tias, e seus desabafos com a avó, conforme podemos perceber no trecho reproduzido (Figura 1):

Não, vovó, isto foi maldade demais de tia Madge. Não quero mais que ela se interesse por mim não, vovó. Chega! Só sinto é não poder brigar com tia Madge para ela me deixar em paz de uma vez. (Morley, 2006, p.182).

⁴ Produtor(es): INCE - Instituto Nacional de Cinema Educativo Diretor(es): Geraldo Santos Pereira Distribuidor(es): Centro Técnico Audiovisual - CTAv

Desde que tia Carlinha está no Jogo da Bola, eu tomei medo de ir lá. Com este meu gênio forte, eu tenho receio de um dia perder a paciência, dar muito no Arício e tia Clarinha brigar comigo. (Morley, 2006, p.181).

É morando na Rua Direita, cuja mudança Helena relata no diário, que a sua avó falece, em 1895, o que causa um grande desconforto familiar pelo luto e também pela administração das finanças. Helena relata que, embora a avó fosse a matriarca, era o tio Conrado quem tomava conta de todo o dinheiro, o que angustiava a mesma, que tinha muita vontade em ajudar sua filha, a mãe de Helena, mas era restringida. Assim, com a morte da avó, a situação financeira familiar de Helena ficou mais complicada.

A mãe de Helena, Carolina, pseudônimo de Alexandrina Brandão Dayrell, segundo a visão de Helena, era uma boa esposa, que estava sempre procurando uma forma de estar próxima ao marido. Em diversas passagens do diário é possível construir uma imagem de independência de Carolina, mas, ao mesmo tempo, apresentada como dependente e submissa ao marido. Segundo Helena, sua mãe seria a única das irmãs que havia se casado por amor, pois as outras casaram-se com os indicados pelo pai.

O Qrcode inserido nesse ponto, além de apontar para o áudio do trecho do diário reproduzido no material, também leva à mais antiga foto impressa de Diamantina, atribuída a Augusto Riedel, que esteve na cidade entre 1868-1869 (mas esta é uma outra história). Ao chegar à rua direita, o caminhante que aceitou o desafio de seguir o roteiro proposto será levado para outros espaços da cidade, incomuns no contexto turístico comumente praticado no local.

O ponto sete, intitulado “Jogo da Bola, um respiro”, situado no início da Rua Jogo da Bola, ao lado do prédio “Casa da Chica da Silva”, é um respiro para o caminhante e também para a personagem, pois nesse local a menina relata seus momentos de alegria e descanso. Representando metade do trajeto, esse ponto aproxima-se do local correspondente à casa da tia de Helena, Agostinha, na qual Helena se diverte. Esse ponto corresponde ao momento de “preparação” para um grande desafio. Por isso, sugere-se uma parada, um descanso, pois o desafio ao caminhante será enfrentar uma subida até o Largo Dom João, situado na parte alta da cidade.

No material de sinalização (Figura 1), o local é apresentado.

A casa grande e espaçosa dos tios permitiam receber diversos hóspedes que vinham das proximidades e rendiam anotações no diário de Helena. Alguns desses hóspedes eram membros da família de Helena, ou amigos próximos. Aqui conhecemos sua tia Clarinha que residia em Montes Claros e o seu filho, o qual a própria Helena sente vontade de “dar uma lição”. É também no Jogo da Bola que Helena nos conta sobre os estrangeiros que compram lavras e do fazendeiro vindo do Serro e suas filhas. (Souza, 2021).

Cabe ressaltar que todos os pontos apresentam “ganchos” que podem ser remetidos a outras histórias (roteiros) que fazem ou farão parte do contexto maior do projeto Histórias em Redes. Por exemplo, o local citado por Helena, a rua Jogo da Bola,

podemos remeter à existência de vinhedos⁵ importantes nos séculos anteriores e também aos negócios ligados à mineração, bem como às redes políticas locais.

O ponto oito, intitulado “Ao longe, Rua Romana”, é um ponto de passagem que direciona o caminhante para a parte alta da cidade. O ponto permite visualizar outros pontos que englobam a paisagem. O quartel militar e o cemitério municipal são um desses espaços. Embora não tão atrativos ao turista, esses espaços fazem parte da vida diamantinense. Essa rua é citada em outro roteiro intitulado “Isidoro entre becos e bocas”⁶

Ontem Leontino veio cedo nos convidar para a festa de São João na Chácara da Romana. A casa tem uma horta enorme com muitas frutas e o jardim da frente é cercado de muro. Não sei por que tio Conrado larga uma chácara tão boa para morar na casa na cidade, com a parede da igreja na frente. (Morley, 2006, p.62).

Nesse trecho do diário é possível contemplar a diferença entre a ocupação do espaço no passado e no presente. Onde fora um local fora da cidade, atualmente está totalmente integrado ao espaço urbano.

O ponto seguinte, intitulado “Ponto 9 -Seminário”, corresponde ao atual Largo Dom João, espaço que fica na parte alta da cidade, de ocupação mais tardia do que o centro histórico. O largo abriga na atualidade, além dos comércios, o espaço que conta com a rodoviária, a Igreja do Seminário e a arquidiocese, o Mercado municipal conhecido popularmente como mercado novo e a praça para lazer e alimentação. Do largo é possível acessar o centro da cidade e bairros ligados ao seu entorno, como o Vila Operária e o Bom Jesus (mas estas são outras histórias).

Helena, em suas passagens, menciona brevemente alguns acontecimentos indiretamente relacionados a esses espaços, já que a ocupação urbana mais constante é posterior à narrativa de Helena e funciona no roteiro proposto como um ponto de passagem e também para que o caminhante possa visualizar a cidade dos espaços altos, tornando-se um ponto que leva o trajeto para os locais fora do centro colonial.

O ponto dez, intitulado “Igreja da Luz”, também está localizado no alto da cidade, na igreja construída por iniciativa de Dona Tereza de Jesus Perpétua Corte Real, em função do pagamento de uma promessa por ter sobrevivido ao Terremoto de Lisboa de 1755 (mas esta é uma outra história). Esse ponto corresponde também a uma recompensa do caminhante após enfrentar o grande desafio, que, no caso, foi subir a ladeira entre a Rua Romana e o Largo Dom João. Também permite ao caminhante olhar para uma vista exuberante, composta pelas ladeiras que levam à parte baixa da cidade e a bela Serra dos Cristais ao fundo, oferecendo uma visão panorâmica da mesma. Assim, esse ponto corresponde ao prêmio ao caminhante antes de “fazer o caminho de volta”: uma bela vista e eventualmente a satisfação de ter conseguido trilhar o percurso até aquele ponto.

⁵ Cf. Rota da Videira. <https://historiasemredes.com/2023/10/07/rota-da-videira-historia-da-producao-vinicola-em-diamantina/>

⁶ Cf. Isidoro entre becos e bocas: <https://historiasemredes.com/roteiro-isidoro-entre-bocas-e-becos/>

O ponto onze, intitulado “Rua da Glória, a volta” corresponde ao caminho de volta e está localizado na Rua da Glória, onde ficava o antigo Colégio de Freiras, onde também eram cultivadas uvas para produção vinícola (mas esta é uma outra história) do qual Helena consegue se livrar.

Já falei com mamãe para tirar Luisinha, pois assim não adianta ela ficar. Estiveram nos contando a vida que levam no Colégio e tive pena delas, coitadinhas. De madrugada, com este frio, têm de se levantar, ir para a missa e passar uma hora ajoelhadas no chão duro. Quando voltam da missa tomar uma água de café com cuscuz e vão para o estudo. A comida dizem elas que é insuportável. Banho frio e Irmãs impicantes, impossíveis de aguentar. Que bom eu não ter entrado! (Morley, 2006, p.214).

Atualmente, neste prédio existe um icônico passadiço interligando duas construções atravessando a rua. A Rua da Glória é uma das mais famosas da cidade, caracterizada por ser uma rua íngreme e ter atualmente prédios importantes, como a prefeitura, a universidade e o pronto atendimento. Descendo por ela, é possível ver ao fundo o prédio onde também funcionou a Escola Normal e que atualmente abriga uma escola estadual, já voltando ao núcleo do chamado “Centro Histórico”.

O ponto doze, intitulado “Igreja Casa da Caridade, o início”, representa o último ponto da rota, mas também o retorno para casa, localizado na Santa Casa de Caridade, em frente ao qual está o túmulo do avô de Helena. Seu avô, John Dayrell, foi um importante médico da cidade, e, embora fosse protestante (figura incomum na sociedade cristã diamantinense naquele período) como relatado por Helena, era prestigiado por toda a cidade e conhecido como o caridoso Doutor Inglês. O fato de ser protestante impediu que fosse enterrado em uma das igrejas católicas, sendo o seu corpo sepultado, no entanto, na porta da Igreja da Casa de Caridade. Nas palavras da Helena:

Na escola de Mestra Joaquininha eu não podia ter a menor briguinha com uma menina, que ela não dissesse logo: “Meu avô não é como o seu que foi para o céu dos ingleses”. Meu avô não foi enterrado na igreja porque era protestante, foi na porta da Casa de Caridade e até hoje se fala nisso em Diamantina. Quando ele estava muito mal, os padres, as irmãs de caridade e até Senhor Bispo, que gostava muito dele, pelearam para ele batizar e confessar para poder ser enterrado no sagrado. Ele respondia: “Toda terra que Deus fez é sagrada”. O vigário não quis deixar dobrar os sinos, mas os homens principais de Diamantina foram às igrejas e fizeram dobrar todos os sinos da cidade o dia inteiro. (Morley, 2016, p. 101).

Assim, o último ponto foi escolhido para ter também uma dimensão circular, a partir do qual é possível ao caminhante conhecer a história do avô paterno de Helena, o médico inglês, cujo túmulo permanece na rua, em frente à igreja e que, de certa forma, explica um dos problemas sociais enfrentados pela jovem menina, um avô protestante que legou à sua família valores um pouco diferentes de uma cultura baseada na fé católica.

Assim, finalizando o trajeto, o caminhante pode retornar ao ponto inicial, e, esperamos que, como “senhor de dois mundos”, o seu mundo presente, e o mundo de Helena Morley.

Ao percorrer o trajeto proposto, os caminhantes, que podem ser turistas em visita à Diamantina, moradores da cidade, e estudantes jovens, conhecemos, de forma dinâmica a menina Helena, suas dificuldades financeiras, sua mentora avó, seus “inimigos” membros próximos da família, seus aliados. Assim, na dimensão do “enredo” construído essa é como uma primeira camada, a do relato. No entanto, a proposta não é apenas dar a conhecer a jovem menina Helena e instigar a leitura de seu diário, mas também, a partir dela, apresentar outras dimensões daquele tempo histórico, dimensões políticas, sociais, culturais e econômicas.

Essas outras dimensões aparecem no material sinalizador (Figura 1) através de pequenos textos, fotografias, qrcodes e referências que requerem do caminhante aprendente uma ação ativa de procura e interesse. Os materiais são apresentados e problemáticas sugeridas, e espera-se que, através do processo de instigação, essas outras dimensões possam ser tocadas.

Do ponto de vista do processo educacional, partimos do princípio de que aquele que aprende precisa adotar uma postura ativa diante da construção do conhecimento (Freire, 1996) e, portanto, o mediador, que muitas vezes é um papel adotado pela professora/professor, atua como um provocador de situações de aprendizagem. Neste sentido, a proposta deste trabalho é justamente provocar situações durante o caminhar pela cidade, acompanhando uma narrativa sobre uma jovem que escreveu um diário no século XIX, e que esse trajeto possa levar ao aprendizado de aspectos da história local.

Também é parte dos pressupostos deste projeto o fomento à construção de uma cidade educadora, na qual, segundo Moacir Gadotti,

Na cidade que educa, o cidadão caminha sem medo, observando todos os espaços. Temos que aprender a nos locomover na cidade, caminhar muito por nossas ruas. (...) Precisamos de mapas, de guias. Precisamos saber onde a gente se encontra. Como sujeitos da cidade, necessitamos nos sentir cidadãos. A cidade nos pertence e, porque nos pertence, participamos da sua construção e da sua reconstrução permanente. (Gadotti, 2006, p.139).

Por outro lado, partimos do pressuposto de que o movimento é fundamental para o processo cognitivo, ressaltando que a proposta é incentivar o deslocamento do corpo aprendente do ambiente escolar levando-o a um ambiente outro, no caso, sua própria cidade, e propiciando uma experiência “turística” que visa percorrer as ruas de sua cidade de forma diferente da cotidiana, e, aliado a isso, transcorrer narrativas históricas que buscam associar os espaços físicos a suas dimensões temporais.

Antônio Damásio, em seu livro “O Erro de Descartes”, enfoca o corpo nos processos cognitivos chamando a atenção da importância em considerar o corpo como parte fundamental da experiência humana. Assim, o autor afirma que:

o corpo, tal como é representado no cérebro, pode constituir o quadro de referência indispensável para os processos neurais que experienciamos como sendo a mente. O nosso próprio organismo, e não uma realidade externa absoluta, é utilizado como referência de base para as interpretações que fazemos do mundo que nos rodeia e para a construção do permanente sentido de subjetividade que é parte essencial de nossas experiências. De acordo com essa perspectiva, os nossos mais refinados pensamentos e as nossas melhores ações, as nossas maiores alegrias e as nossas mais profundas mágoas usam o corpo como instrumento de aferição. (Damásio, 1996, s/p).

Chamando a atenção para um aspecto fundamental desenvolvido pelo autor no que diz respeito à impossível dissociação entre “emoção” e “razão”, termos em si que sequer fazem sentido para descrever o que ocorre no cérebro humano.

o cérebro humano e o resto do corpo constituem um organismo indissociável, formando um conjunto integrado por meio de circuitos reguladores bioquímicos e neurológicos mutuamente interativos (incluindo componentes endócrinos, imunológicos e neurais autônomos); o organismo interage com o ambiente como um conjunto: a interação não é nem exclusivamente do corpo nem do cérebro; as operações fisiológicas que denominamos por mente derivam desse conjunto estrutural e funcional e não apenas do cérebro: os fenômenos mentais só podem ser cabalmente compreendidos no contexto de um organismo em interação com o ambiente que o rodeia. (Damásio, 1996, s/p).

Assim, é recomendável considerar que o processo de aprendizagem de um sujeito não acontece a partir da realização de uma ou outra atividade específica em um ambiente escolar, mas que, dentro de um contexto social, cultural, emocional os sujeitos interagem de maneira integral com o que acontece no seu entorno.

Desta forma, a proposta é deslocar o corpo aprendente do ambiente escolar levando-o a um ambiente outro, no caso, sua própria cidade, propiciando uma experiência “turística” que visa percorrer as ruas de sua cidade de forma diferente da cotidiana, e, aliado a isso, transcorrer narrativas históricas que buscam associar os espaços físicos a suas dimensões temporais. Narrativas construídas a partir da própria complexidade do urbano.

A partir do andamento do projeto e do desenvolvimento de outras narrativas em outros trajetos temáticos, espera-se propiciar uma experiência na qual as diversas e variadas versões, olhares, abordagens e personagens possam estar presentes e acessíveis no espaço urbano a partir de narrativas temáticas e coerentes e, por outro lado, ser parte de outras narrativas, por vezes contraditórias, diversas, presentes também no mesmo contexto informacional urbano.

Referências

- CAFFÉ, Eliane.
(2003). *Narradores de Javé*. Direção.
Roteiro: Eliane Caffé e Luis Alberto de Abreu.
Produção: Vania Catani e André Montenegro. Rio de Janeiro: Bananeiras filmes,.1 DVD (100 min).
- CERTEAU, Michel de.
(1982). A Operação Historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- DAMÁSIO, A.R.
(1996). *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e o Cérebro Humano*, São Paulo: Companhia das Letras. E-book
- FREIRE, Paulo.
(1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- GADOTTI, Moacir.
(2006). A escola na cidade que educa. *Cadernos Cenpec* | Nova série, v. 1, n. 1.
- GONÇALVES, Cristiane Souza.
(2010). *Experimentações em Diamantina*. Um estudo sobre a atuação do SPHAN no conjunto urbano tombado 1938-1967. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
doi:10.11606/T.16.2010.tde-15062010-094114.
Acesso em: 23 mar. 2021.
- HOFF, P. C.
(2016). *Um clássico provinciano: Minha vida de menina de Helena Morley*. Moara, Pará, n 46, ago/dez.
- LEJEUNE, Philippe.
(2008). El pacto autobiográfico. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 99-112, Disponível em: <http://revistasletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/5635/4109> Acesso em: 24 jan. 2021.
- MAGNANI, M. C. A. O.
(2004). *O Hospício da Diamantina 1889-1906*. Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde, pp.30-65. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/6125>. Acesso em: 3 jun. 2021.
- MARTINS, Marcos Lobato.
(2008). A crise dos negócios do diamante e as respostas dos homens de fortuna no Alto Jequitinhonha, décadas de 1870-1890. *Revista USP, São Paulo*, v. 38, n. 3, pp. 611-638. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ee/article/view/35952>. Acesso em: 28 maio 2021.
- MOREIRA-GONÇALVES, Leonardo; RIBEIRO, Renata.
(2016). Rota e Roteiro: desafios para uma nova conceitualização. *Caderno de Estudos e Pesquisa em Turismo*. 5. 4-18.
- MORLEY, Helena.
(2016). *Minha vida de menina*. São Paulo, Companhia de Bolso.
- SOLBERG, Helena.
(2004). *Minha vida de menina*. Direção. Rio de Janeiro, 118 min.
- SOUZA, A. C.
(2021). *Castelos de Helena: O olhar para a cidade a partir das perspectivas de uma rota histórica e literária*. Dissertação. Programa de Mestrado Interdisciplinar Profissional em Ciências Humanas. UFMJM.
- VOGLER, Christopher.
(2006). *A jornada do herói*. Nova Fronteira.
- Recebido em**
junho de 2024
- Aprovado em**
outubro de 2024